



## AGROECOLOGIA ANTIRRACISTA: UMA INSISTENCIA.

Vivian Delfino Motta<sup>1</sup>

### Existe racismo no universo agroecológico?

A ruralidade na América Latina é constituída majoritariamente por uma população afro indígena, resultado da interação por vezes harmoniosa, por vezes conflituosa, entre a população negra escravizada e os povos originários. Poucos estudos mostram como essa vivência conjunta influenciou e ainda influencia culturalmente nossos modos de vida. Mesmo nos países onde a população negra atualmente é reduzida, os conhecimentos negros ainda estão presentes na linguagem, nas artes, na culinária, nas técnicas ligada ao cultivo de alimentos e dentre outros espaços que norteiam a organização social nos dias de hoje.

Olhando para o Brasil, afirmo que a escravidão negra foi centrada na desumanização baseada na identificação das pessoas escravizadas como objetos de uso, sem alma e sem o direito a humanidade. Tal desumanização foi justificada a partir da consolidação de um processo racista onde 3 pilares foram fundamentais: a) a ciência, onde o racionalismo científico alimentou o racismo estrutural a partir do questionamento da humanidade de pessoas negras. O racionalismo científico pregava que negros e negras possuíam a tendência de assumir comportamentos conectados a selvageria, com uma inabilidade para a tomada de decisão devido a um déficit de inteligência considerável. b) O sistema jurídico, que com a mudanças nas Ordenações Manuelinas (lei que regia a escravidão antes da invasão das Américas) permitiu que a brutalidade e crueldade dos castigos fosse regularizada, instituindo o poder do sofrimento aos donos de escravos. c) A igreja, que considerava a região de origem da população africana como uma localidade infiel. No imaginário da igreja cristã europeia, os/as africanos/as carregavam uma mácula por ter conhecimento vinculados à religião islâmica, assim a escravidão era permitida como forma de remissão dos pecados. (Wade, 2018)

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Coordenadora do GT Mulheres da ABA- Agroecologia. Engenheira Agrônoma- UFV, mestra em Agroecologia e Desenvolvimento Rural-UFSCar, doutoranda em Ciências Sociais- IFCH Unicamp.

Somada ao genocídio das comunidades indígenas, a escravidão negra brasileira constrói um “rural” marcado pela ausência de perspectivas positivas e recheado de simbologias depreciativas, violentas que estão intimamente ligadas a significado colonial da categoria negro (atraso, pobreza, fracasso, ignorância, dentre outros fatores) em comparação a positividade atribuída a categoria branco (forte, inteligente, respeitoso, eficiente, dentre outras). A agroecologia unida ao feminismo traz em si um discurso anti-sistêmico e anti machista, mas eurocêntrico.

Primeiramente porque a agroecologia buscou em autores homens, brancos, com olhar acadêmico e centrado a partir da Europa ou dos Estados Unidos para compor seus paradigmas. Apesar de questionar esse caminho, as mulheres também buscaram no feminismo europeu as perspectivas de a luta contra as opressões de gênero no universo agroecológico. E aqui temos o nosso primeiro grande entrave: quando mulheres negras e indígenas apontam que as ações das mulheres lidas como brancas não visibilizam as questões raciais, na maioria das vezes a escuta não é tranquila. Mulheres não brancas são vítimas da homogeneização política e mesmo quando o coletivo concorda com a busca da diversidade, as mulheres lidas como branca apontam que a homogeneização não é uma invisibilização, mas sim um ponto de encontro. Creio que se negras e indígenas, que são protagonistas do processo e se dizem não representadas cabe a todas as mulheres não questionar o sentimento, mas sim buscar um caminho que acolha a nossa diversidade.

Nós, mulheres feministas, temos uma ação efetiva e corajosa de enfrentamento contra o machismo, mas nos apontamentos sobre a questão de raça o enfrentamento não se coloca na mesma intensidade. Será que o fato de não sentir tal opressão abre o precedente para diminuir a “energia” inserida sobre tal enfrentamento?

A história das mulheres brasileiras raramente é estudada, a história das mulheres rurais negras então é praticamente inexistente. Essa história ausente também remete a uma origem desconhecida e quando se reconhecer como negra é uma vivência extremamente dolorida. Me usando como exemplo: lembro que me contaram, que minhas bisavós e meus bisavôs foram escravizados/as, sabendo disso fico pensando que a única referência que tenho de deles e delas é a violência e sofrimento. Não sei em que país da África nasceram, a quais povos pertenciam, que língua falavam, o que gostavam de comer, também não sei que músicas cantavam...só sei que sofriam. Também sei que uma das minhas bisavós era indígena e foi “pega no laço” por um português bandeirante, ele lhe deu o nome de Catarina e também acaba por aí a história. Não sei

a qual a etnia pertencia, nem como vivia, se vivia no litoral ou no interior, só sei que sofria. Minha vivência com as mulheres da família começa com as minhas avós, que também sofreram e que pouco gostavam de falar da sua infância e juventude marcada pela pobreza, minha memória com elas é construída por mim e a partir da minha capacidade de compreender e apreender os momentos. Ao contrário das mulheres brancas que tem sua origem nas migrações vindas das Europa, não tenho como cultivar nenhuma referência palpável da minha ancestralidade e esse aspecto também é usado como forma de se promover o racismo. Quantas vezes vimos e ouvimos pessoas, lugares, comidas serem valorizadas pela origem europeia? Penso que a Agroecologia a partir da valorização da ancestralidade (não documentada, mas sentida pela memória do corpo) tem a capacidade de auxiliar na busca de cacos, pedacinhos que possam compor uma história mais verdadeira, visibilizando e valorizando o Bem-Viver das comunidades tradicionais espalhadas não só pelo Brasil, mas também por toda América Latina. Para isso, novamente reforço, precisamos primeiramente considerar a história nas nossas ações e em segundo lugar contar uma história em que pessoas negras não sejam só escravizadas, mas sim protagonista na geração de saberes e tecnologias fundamentais para a agroecologia, ou seja, uma história que não seja eurocêntrica.

Contar uma história não eurocêntrica também auxilia na destruição das estruturas que sustentam o racismo. Já ouvi em alguns debates entre pessoas negras e brancas que é preciso eliminar a categoria raça, mas se eliminamos a categoria raça automaticamente também eliminamos o conceito/termo racismo. O termo racismo é o que mais expressa toda a perversidade da manutenção e da reprodução da desigualdade racial sobre a população negra e indígena. As palavras: preconceito, discriminação, injúria não possuem a carga simbólica que o termo racismo possui. Sendo assim, mesmo nos espaços internos da Agroecologia podemos denominar as ações e pessoas como racistas. É difícil, muito difícil companheiras e companheiros assumirem que são agentes de uma prática racista. Não creio, de forma alguma, que meus companheiros e minhas companheiras ligadas/os a Agroecologia são conscientemente racistas, mas afirmo que exercem práticas racistas e conseqüentemente as práticas racistas reproduzidas por eles e elas são alimentadas por pessoas inseridas em uma sociedade racistas (não existe práticas racistas sem pessoas racistas). No universo agroecológico as práticas racistas são dotadas de novas e antigas conotações, são ações sutis que as vezes me fazem realmente pensar se é uma ação que fortalece as opressões raciais ou se é coisa da minha cabeça, uma “neurose” de quem já está tão vigilante que “vê racismo em tudo”. A nossa marcante e real afetividade faz com que as práticas racistas no universo da Agroecologia raramente sejam expressas de forma violenta e clara, são

pequenas situações que fortalecem a invisibilidade: é a não presença das questões raciais no debate, a ausência do termo racismo na fala de quem a todo momento usa o termo machismo, é acharmos que nós mulheres somos todas iguais e ousar dizer que é a negação da diversidade de mulheres, quando negamos a diversidade do feminismo. Para mim e para muitas iguais a mim, o que nos engloba é o Sem feminismoS não há agroecologia! Somos diversas, então é fundamental que as diversidades das vertentes feministas sejam abraçadas pela Agroecologia: Ecofeminismo, Feminismo Marxista, Feminismo Negro, Feminismo Indígena, Feminismo Popular e Camponês, Feminismo Comunitário são olhares que conectam muito bem com a agroecologia e que em muitas perspectivas se unem, mas que representam uma diversidade e mostram o quão rico o universo agroecológico é. Diversidade não é divisão, é riqueza!

É uma narrativa corriqueira entre as mulheres negras o impacto do “o mito da negra raivosa”, quando sua assertividade é vista como raivosidade. Penso, primeiramente, que para uma mulher negra chegar a um espaço de decisão é necessário muita resistência e assertividade no posicionamento. São situações recorrentes, desgastante e cansativas e que ligam a fala à raiva fortalecendo o estereótipo da mulher negra como um ser descontrolado, que não é capaz de se manifestar sem usar a ira ou a raiva, pontos que desqualificam sua atuação. Em outros momentos, sou obrigada a dizer que há realmente um sentimento de raiva, indignação e consegui perceber que tal processo é gerado quando a pessoa negra está inserida em um grupo majoritariamente branco, onde a existência da prática racista é negada. Somado a negação é comum não haver a compreensão da urgência do debate antirracista, culminando na pactuação do grupo por não se comprometerem em eliminar tal prática do coletivo. No universo agroecológico o comprometimento com a escuta profunda dos relatos das práticas racistas é fundamental, a escuta atenta e acolhedora é uma ação curativa dos males causados pelo racismo.

Todas as reflexões partilhadas acima são passíveis de reformulações, são novas observações, complexas e subjetivas que necessitam da troca de percepções para se consolidarem. Quanto à pergunta que realizei no início deste texto, penso que a Agroecologia tem o racismo em suas bases estruturantes, mas alimenta a prática racista quando não insere em seus paradigmas epistemológicos antirracistas. Concomitantemente, as pessoas que compõem o universo agroecológico estão inseridas em uma sociedade racista, machista, LGBTQIA+fóbica e classista, sendo assim não serei ingênuo de achar que não existem pessoas racistas nos espaços ligados à Agroecologia. Por isso, nesse momento respondo a pergunta dizendo que existe e não existe na estrutura utópica do projeto de sociedade proposto pela Agroecologia mas existe

racismo alimentado pelas pessoas que conscientemente ou não o praticam dentro do universo agroecológico.

### **Questões raciais e agroecologia: novas propostas para novas ações.**

Como professora e pesquisadora, vejo que minha contribuição para a construção da agroecologia antirracista e anti machista passa pela inserção de novos pensamentos e outras bases epistemológicas que revelem as estratégias de manutenção e reprodução das opressões raciais e de gênero. Só a partir do conhecimento estrutural das opressões, a Agroecologia poderá propor mudanças reais que objetivem a erradicação do machismo e do racismo.

Então, apresentarei a partir do meu entendimento, alguns tópicos que acredito serem essenciais para a composição de uma pauta antirracista e anti machista. Não é minha intenção apresentar todos os nomes importantes para a temática, mas sim auxiliar em uma trilha inicial para compreender melhor as questões raciais. Sei que essa listagem pode ser um pouco maçante, mas quero tentar visibilizar autoras e autores que potencializam a discussão sobre raça e gênero a partir dos olhares negros, latino-americanos e orientais.

Um importante nome para se entender a questão do “ser negro” é Franz Omar Fanon, Psiquiatra negro, nascido na Martinica, escreveu **Pele Negra, Máscaras Brancas** (Fanon, 1952) um dos grandes livros para entender a construção da categoria negro, da categoria branco e a negação do racismo a partir do olhar do colonizador. Ainda falando sobre o autor, Deiveson Mendes Faustino, sociólogo negro ligado a Universidade Federal de São Carlos, escreveu o livro **Franz Fanon- Um revolucionário particularmente negro** (Faustino, 2018) em que apresenta a riqueza do pensamento de Fanon e quão atuais suas ideias ainda são.

No Brasil, temos autores e autoras que trazem grande contribuição para a compreensão da formação da população negra brasileira. Lélia Gonzalez, historiadora, filósofa e antropóloga negra, teve como foco articular as lutas gerais as pautas específicas da população negra, em seu texto: **A Categoria Político-Cultural de Amefricanidade** (Gonzalez, 1988), analisa a formação histórico-cultural do Brasil. Ainda na perspectiva de entender a formação da população negra brasileira, posso citar outras autoras negras pouquíssimo conhecidas, mas com análises de grande relevância: Neusa Santos, psiquiatra e psicanalista brasileira, escritora do livro **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social** (1983) e Virgínia Leone Bicudo, socióloga e psicanalista autora do texto **Atitudes raciais de pretos e mulatos**

**em São Paulo** (Bicudo, 1945), aqui vale um parênteses- Virginia nasceu em 1910 e no momento da elaboração do texto a categoria mulata/o não havia sido problematizada como nos dias atuais, esse texto nos apresenta um olhar sobre os “modos de viver” das populações negras considerando a mestiçagem e como o racismo que incide sobre os negros e negras de forma desigual. A partir de uma compreensão mais geral da população negra, podemos escolher caminhos mais específicos, aqui sugiro algumas leituras que foram importantes e que explicitam considerações sobre a categoria mulher negra, a interseccionalidade e o feminismo negro.

Normalmente, quando se fala de mulher negra e feminismo negro automaticamente o nome de Angela Davis vem a cabeça e isso não é exagero, quando li seu livro mais famoso **Mulher, Raça e Classe** (Davis, 1981) meu entendimento se ampliou. No Brasil Djamilia Ribeiro também é bastante acessada, seu livro **Quem tem medo do feminismo negro?** (Ribeiro, 2018) foi um sucesso. Não sei se os nomes de Patrícia Hill Collins - **O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso** (Collins,1996); Bel Hooks - **Olhares Negros: 2raça e representações** (Hooks, 20014), **Mulheres Negras: moldando a teoria feminista** (Hooks, 2000), são amplamente conhecidos assim como Angela Davis e se não são, certamente deveriam ser. Vale ressaltar que os textos indicados são apenas uma pequena parte da obra dessas autoras. Voltando Brasil, temos os trabalhos de Sueli Carneiro- **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero** (Carneiro, 2011); Luiza Bairros-**Nossos feminismos revisitados** (Bairros,1995); Matilde Ribeiro-**Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização** (Ribeiro, 2008), dentre muitas outras.

Para finalizar, trago sugestões de leitura para temas que são bem atuais na agroecologia: ancestralidade, território, quilombos. Além das práticas, esses trabalhos trazem elementos para uma compreensão mais aprofundada e quando os li me fizeram pensar sobre outras formas de analisar essas temáticas: Mariléia Almeida- **Espaço, corpo e afeto: o antirracismo nas práticas femininas quilombolas contemporâneos** (Almeida, 2017); Beatriz Nascimento **Por um território (novo) Existencial e Físico** (Nascimento,1961).

---

<sup>2</sup> Recebido em 15 de agosto de 2017, aceito em 26 de outubro de 2017. Tradução: Ângela Figueiredo e Jesse Ferrell. Publicado originalmente em 1996 no Black Scholar Journal. O comitê editorial dos cadernos Pagu agradece a autorização da autora para tradução deste artigo.

Essa trilha que construí é bem restrita, quase simplória e sem necessitar de esforço não me esqueço de autoras e autores como: Sílvia de Almeida, Achille Mbembe, Grada Kilomba, Raúl Prada Alcoreza, Carla Akotirene, Chimamanda Adichie, Laura Cecília Lopes, Joice Berth, Avtar Brah, Ella Shohat, Vandana Shiva, Homi Bhabha, Gayatri Spivak, Sônia Alvarez, Gloria Anzaldúa, Linda Alcoff dentre muitas outras e muitos outros.

A minha escolha pelo caminho não eurocêntrico, decolonial e vinculado a autoras e autores que são pouco visibilizados não me impede de consultar os clássicos europeus consagrados. É preciso ler obras como Marx, Engels, Foucault, ou entender o que pensavam as feministas como Simone de Beauvoir, Mary Wollstonecraft, mas tomar apenas essas perspectivas como a única forma de compreender a realidade não é possível. Autoras brancas como Judith Butler, Donna Haraway, Joan Scott, Silvia Federici quando articuladas as autoras não brancas nos ajudam a compreender melhor como podemos construir caminhos de visibilidade, valorização para as categorias que a todo momento enfatizam que o projeto agroecológico atual não concebe uma luta estruturada contra as desigualdades de gênero e raça. Acionar diversas epistemologias, articular tais pensamentos sem perder de vista as especificidades também é uma atitude antirracista e isso precisa ser princípio não apenas nas pesquisas, mas também no cotidiano e pautas de luta das entidades ligadas ao universo agroecológico.

### **Antirracismo, agroecologia e as ações cotidianas.**

Após a compreensão das estruturas que mantêm e reproduzem o racismo é possível criar ações antirracistas visualizando qual seu impacto sobre a vida das populações negras. A Agroecologia, enquanto processo de transformação social, precisa pautar estratégias que visem desnaturalizar o racismo ao mesmo tempo que mobiliza atitudes antirracistas.

Fortalecer as técnicas e ferramentas agroecológicas específicas para as diversas mulheres rurais, democratizar o acesso a alimentação agroecológica para as camadas populares, fomentar de cultivos solidários nas comunidades e nos bairros, valorizar da agricultura urbana, criar de circuitos curtos de comercialização, ampliar o conceito de bioconstrução para as comunidades, são algumas ações práticas que impactam diretamente sobre a vida das pessoas pobres em especial sobre a vida das mulheres negras, pois tais ações amenizam o efeitos das desigualdades, enfrentam a necropolítica, ofertam dignidade e condições melhores de vida. Politicamente, como movimento que propõe as mudanças sociais profundas, é central enfrentar a marginalização que a população não branca promovendo o acesso aos espaços de poder. Não posso deixar de destacar

a real necessidade de mulheres diversas nas instituições políticas no Brasil e por consequência perguntar “Como nós, a partir da agroecologia, nos engajaremos nas próximas eleições?” Na sociedade capitalista, ser negro e negra nunca será algo positivo, é preciso pactuar com o fim da sociedade capitalista. Quebrar o estereótipo é movimentar o tecido social, desafixar as pessoas da marginalidade, afastá-las das violências e deslocá-las para espaços de poder. Mover se para espaços nunca antes adentrados cria conflitos, pois os que compõem historicamente os espaços de decisão que não aceitam modificar a lógica branca de organização, isso acontece nas universidades, nos partidos políticos, nos espaços institucionais de representação dentre outros lugares. Outro forte desafio para a Agroecologia está em garantir o direito à participação sem publicizar que o acesso de uma pessoa negra é algo excepcional. Hoje, a inserção de pessoas não brancas nos espaços de decisão passa pela necessidade de suportar as cobranças incansáveis de materialização da inteligência, eficiência, capacidade de responder positivamente a sobrecarga de trabalho que são aspectos causados pelo racismo institucional, dentre outros fatores que acabam por adoecer e nos eliminar dos processos de acesso ao poder/decisões. É urgente repensar o como criar oportunidades para que a ocupação seja menos dolorosa e nos traga sentimentos como: confiança, esperança, auto estima, felicidade.

A linha temática Agroecologia e Feminismos é um campo em disputa onde inserir as questões raciais a partir da interseccionalidade pode ser fator basal para a construção dos estudos. O conceito de interseccionalidade é, para nós mulheres não brancas da agroecologia, de suma importância. Na academia, a Agroecologia pode evidenciar a produção negra, indígena, quilombola, ribeirinha, camponesa, das florestas e das águas estimulando que mulheres e homens sintam-se convidados a registrar, publicar e enfrentar debates que levem nossas afirmações e disseminem nossas ideias em todos campos que impactam na construção do projeto agroecológico. Ocupar os espaços, falar por si, debater a realidade construindo e divulgando os espaços de enunciação somado a possibilidade de uma escuta profunda das pessoas brancas, são metodologias que quando utilizadas a favor de uma prática antirracistas que compõem a Agroecologia que desejamos construir.



## **Bibliografia**

ALMEIDA, Mariléa de. **Espaço, corpo e afeto: o antirracismo nas práticas femininas quilombolas contemporâneas**. *Labrys, études féministes/ estudos feministas*, julho/ 2017- junho 2018.

BAIROS, Luiza. **Nossos feminismos revisitados**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 3, nº 2, 1995.

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. Marcos Chor (Org.). São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

CARNEIRO, Suely. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero**, 2011.

COLLINS, Patrícia Hill. **O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso\***. *Cad. Pagu*, Campinas, n.51, e175118, 2017.

DAVIS, Ângela. Capítulos 3, 5 e 6 In: DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Pele Negra. Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1983.

FAUSTINO, Deivison. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

HOOKS, Bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. *Rev. Bras. Ciênc. Política.*, Brasília, n. 16, 2015.

WADE, Peter. **Interacciones, relaciones y comparaciones Afro Indígenas**. *Estudios Afrolatinoamericanos: una introducción*, Buenos Aires, 2018.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Por um território (novo) Existencial e Físico. In: **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: Possibilidades nos dias de destruição**. *Díaspóra Africana*: editora Filhos da África, 2018.

MOTTA, Vívian Delfino. **Por uma Agroecologia Antirracista**. *Anais do III CIFA, Cadernos de Agroecologia*, 2020. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/6396/2435> acessado em:04/07/2021.

SANTOS, Neuza. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições GRAAL. 1983

RIBEIRO, Matilde. **Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(3): p. 987-1004, setembro-dezembro/2008.

RIBEIRO, Djamilá. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.